

INSTALAÇÃO GEOGRÁFICA - CAPTURANDO A ESCOLA EM POLIFONIA ESCOLAR

Emerson Ribeiro
Universidade Regional do Cariri
emerprof@hotmail.com

RESUMO

O presente texto retrata o exercício didático de uma prática de estágio supervisionado desenvolvida com os alunos da Universidade Regional do Cariri-URCA no ano de 2011. O tema: como capturar a escola em uma polifonia escolar. Os elementos que compõem a escola, que escola? Ensino- aprendizagem, professor (a), aluno (a), diretores, funcionários, o prédio? A aula, que aula? Como enxergamos essa polifonia escolar? O ver, o olhar, o sentir, o lugar que a escola se assenta, o seu sítio geográfico, os pequenos elementos escondidos no subsolo da escola (prédio), o seu telhado. Partindo do exposto para encontrar significados, simbologias, que reúna dados para a compreensão da escola em si; exercitamos a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade; Prática Pedagógica; Geografia: Avaliação.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.
José Saramago, Ensaio sobre a Cegueira

EXÓRDIO

Esse exercício didático pedagógico que vamos apresentar tem como característica principal, fazer com que os alunos da graduação que estão em estágio supervisionado, compreendam melhor o espaço escolar, partindo do concreto a escola, num movimento de desconstrução para a reconstrução teórico-concreta, tendo a pesquisa como norte no processo de avaliação para as instalações geográficas.

Os elementos que compõem a escola, que escola? Ensino- aprendizagem, professor (a), aluno (a), diretores, funcionários, o prédio? A aula, que aula? Como enxergamos essa polifonia escolar? O ver, o olhar, o sentir, o lugar que a escola se assenta, o seu sítio geográfico, os pequenos elementos escondidos no subsolo da escola e o seu telhado.

Essa polifonia escolar resume-se na aplicação de texto sobre textos, interlocuções ajustadas para distrair o linear, o cartesiano, virando do avesso num ato de suspensão do cotidiano, exemplificando a universidade na prática de professores. Faz-se e se Refaz como uma nota musical. Partindo do exposto para encontrar significados, simbologias, que reúna dados para a compreensão da escola em si; exercitamos a prática.

Em sala foram discutidos com os alunos da graduação em geografia alguns textos que retratam a escola, a geografia, a categoria lugar, o ensino e a aprendizagem, a arquitetura escolar, sua burocracia, etc., e a política educacional para as escolas públicas. Diante do apresentado, poderíamos encerrar essa leitura com a aplicação de uma avaliação formal, entendemos por avaliação formal a aplicação de um questionário, de múltipla escolha ou perguntas abertas, de apresentação de trabalhos, etc., não que estes processos de avaliação, não seriam úteis a aprendizagem dos alunos, abordado corretamente pelo professor na ação pedagógica. É que para a nossa proposta essa não

seria a melhor forma. Pois, se o tema é capturar a escola, não seria apenas em uma folha de papel que chegaríamos ao seu final.

Passamos ao segundo ato; a proposta foi de materializar na prática o conteúdo aplicado e discutido em sala de aula, exercitamos o terceiro ato; em frascos de saieiros transparentes os alunos foram a campo capturar a escola colocando-a nos frascos. O quarto ato; somente pela criatividade e o olhar geográfico, o ver e o reparar nas entranhas da 'ESCOLA' seria possível exercitar a polifonia escolar.

De posse do material o quinto ato; apresentação ao público, pendurado por barbante nos corredores da universidade realizando a interlocução com o público. Outras leituras e tantas outras possíveis no olhar do outro.

Encontramos o último ato; a avaliação do processo do ensino- aprendizagens, em sala, novas locuções, interpretações do exercício proposto, diante do revelado, podem escrever...

Arrancando as vísceras, descolando o maxilar, em trincheiras de guerra, as sobras... apenas aos urubus, como ainda não somos as sobras, do passado ao futuro já é, e fica-nos o presente em dita transformação, em tempos de contradição, esqueçamos os planos, e as práticas lineares e os burocratas de plantão, exercendo aqui, a ideia da criação, da obra, da instalação geográfica.

NA FORMA DE UM ESTILHAÇO

“A grandeza de uma obra de arte está fundamentalmente no seu caráter ambíguo, que deixa ao espectador decidir sobre o seu significado”.

Theodor Adorno

FICA-NOS UM FRAGMENTO

Para nos livrar do tédio, parafraseamos Fernando Pessoa: “cadáveres adiados que procriam”. É preciso ressuscitar a escola.



Foto-1. Ressuscitando a escola, em tempo não linear.

Fonte: Ribeiro, Emerson. Nov/2011.

Ressuscitando! Com a instalação geográfica, exercício esse de apreensão e suspensão do cotidiano da/na escola, para realizá-la os alunos da disciplina de estágio supervisionado, pesquisaram-na de perto, encontrando na arte e na categoria de lugar a sua intencionalidade pedagógica, símbolo de um ensino a ser ultrapassado, aquele baseado somente na memorização “decoreba”, e numa única ferramenta, o livro didático, como a expressão da professora intitulada pelos alunos como “defunta” aquela que morreu e depois de formada ela passa a não rever mais sobre as suas práticas, e por um espelho indicando “será você o próximo? Junto à balança que pesa contra a educação no que diz respeito às políticas públicas, fizeram dessa maneira a crítica a universidade e a escola.

Em uma representação, materializou-a em um caixão, símbolo de morte e vida, em busca de uma esperança.

Essa instalação não ficou estática, os alunos andaram com o caixão pela universidade, passeando pelas salas de aulas, pela reitoria, entrando nas salas e, num ato de rebeldia cantavam “segura na mão de deus...” um cortejo fúnebre, e a crítica à universidade e ao sistema de ensino diante das políticas públicas oferecidas pelo estado do Ceará.

O ALICERCE

“A inteligência para compreender, deve ser ferida. Antes de tudo, antes mesmo de ser ferida, é necessário que ela seja sujada. Quem esconde seu louco morre sem voz” *Henry Michaux*



Foto-2. A escola engaiolada, textos sobre textos.
Fonte: Ribeiro, Emerson. 1º S/2011

Como enxergamos a escola? Como aponta Mochcovitch (1988) sobre a escola que deve orientar as reivindicações das classes subalternas, para o Estado burguês numa luta épica, acrescenta: “A escola democrática, que deve ser assegurada a todos pelo Estado, quando este é “ético” e “educador”, é aquela através da qual a sociedade

coloca” cada cidadão”, em termos gerais e pelo menos “abstratamente”, na condição de se tornar “governante” (MOCHCOVITCH,1988:56).

A escola nesse contexto tem-se como referência, a clarificação da consciência, levar o aluno a entender os processos de produção do conhecimento e como estes se inserem na sociedade onde as classes sociais são os sujeitos, para a compreensão de uma elevação da consciência cultural e do processo de reforma intelectual e política, que caminham juntas da sociedade política e econômica.

A escola pode ser vista apenas como um lugar de passagem, de aprendizagem, de ensino, de contrastes, de classes, de oportunidades, esses vários adjetivos que elevam ao conceito ‘escola’, mas para apreender esse movimento dialético histórico, optamos pela compreensão teórica artística.

A prática consiste em levar o aluno a compreender a escola, não só pela escrita, mas pela arte, pela busca de signos que os remetem a compreender pela pesquisa o papel da escola no mundo contemporâneo, e como esta se aplica a sua formação, a geografia, ao espaço produzido e a sua escala.

Na foto- 2 temos, na construção do conhecimento um dos alunos Paulo ¹ que pensou em engaiolar a escola, colocando dentro da gaiola uma boneca representando a figura do professor (a), e do lado de fora, as palavras ensino, aprendizagem, conceito, formação, aluno, etc. Em resposta ao ensino público não valorizado, as políticas públicas que não atendem a demanda da educação, entre elas, a falta de materiais pedagógicos, infraestrutura, grande número de alunos em sala de aula, professores e diretores mal preparados, projetos que não atendem a cultura local, etc. Para o aluno ficou claro que as políticas públicas não são direcionadas para as classes menos abastadas.

Com essa prática pedagógica, os alunos tiveram a oportunidade de compreender as relações culturais, políticas e econômicas, partindo de uma visão crítica da geografia na análise do espaço esse produzido e transformada pela ação dos homens.

Para (LEFEBVRE,1999:142) “o espaço não é mais simplesmente o meio indiferente, a soma dos lugares onde a mais-valia se forma, se realiza e se distribui. Ele se torna produto do trabalho social, isto é, objeto muito feral da produção, e , por conseguinte, da formação da mais- valia.” E hoje essa mais-valia é global, comandada pelas grandes corporações que representam as técnicas e as políticas inseridas no espaço, se alastrando culturalmente, atingindo os lugares, as cidades, as escolas na forma de objetos técnicos e culturais.

A produção do espaço, em si, não é nova. Os grupos dominantes sempre produziram este ou aquele espaço particular, o das cidades antigas, o dos campos (aí incluídas as paisagens que em seguida parecem “naturais”). O novo é a produção global e total do espaço social. Essa extensão enorme da atividade produtiva realiza-se em função dos interesses dos que a inventam, dos que a gerem, dos que dela se beneficiam (largamente) (LEFEBVRE,1999:142-143).

O exercício consistiu, em analisar o espaço e a paisagem escolar, o ver, o olhar e reparar como a escola realmente funciona. A escola padece como instituição, da interferência e influência do poder político do Estado. Embora não haja como se desligar desses poderes, sendo que a comunidade é organizada por meio deles.

A escola recebe as interferências e influências do conhecimento científico e do desenvolvimento da tecnologia, a escola lida com o universo da cultura. Ela tenta

¹ Nome fictício.

preparar e formar os indivíduos para o acesso ao conhecimento e para o domínio dos princípios do desenvolvimento científico, tecnológico e de sua aplicação prática.

Quando era professor no ensino básico e coordenador pedagógico pude observar os sentidos da escola, aquela que tem o sentido de libertação, no dizeres de Paulo Freire, porém, dado as condições materiais e do abandono social encontrada em nosso país, a escola em muitos lugares se apresentam como: Local de acesso à merenda, para assistir as classes de miseráveis produzidas pela desigualdade social, num movimento necessário a assistência dessa população carente; escola: como de orientação psicoterapêutica, devido ao tratamento psicológico e de não atendimento médico e odontológico não assistido pelo Estado; mas, pode ser compreendida como um local para questionamento crítico dos valores sociais, políticos, econômicos e culturais, onde o processo de ensino- aprendizagem se estabelece.

São essas escolas no sentido físico que aluno e professor, que passa pela escola vê, olham, mas não repara, não analisam, se perdem na rotina, apenas no fazer e viver, acomodado pela alienação. Mas quando, ato de reparar encontra a suspensão do cotidiano, que para Lefebvre:

Em sua trivialidade, o cotidiano se compõem de repetições; gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivens), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade, etc. O estudo da atividade criadora (da *produção* no sentido mais amplo) conduz à análise da reprodução, isto é, das condições em que as atividades produtoras de objetos ou de obras se reproduzem elas mesmas, re-começam, re-tomam seus elos constitutivos ou, ao contrário, se transformam por modificações graduais ou por saltos (LEFEBVRE,1991:24).

É quando o processo de alienação se vai, deixa de se tornar normal atos corriqueiros, em que os alunos, professor, diretor, que nela trabalham, passam a compreender que o ato criativo, a criação, na sua atividade produtora mostra o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade e na atualidade.

Para o aluno de graduação, analisar a escola, como instituição, em que o Estado por meio do controle de políticas públicas, nega o acesso das camadas menos abastadas, não direcionando a essa classe a oportunidade de igualdade em que preza o Estado de direito, para o aluno a compreensão dessa dimensão da ideologia disfarçada de racionalidade e de ciência, faz com que o exercício da libertação da consciência apresente pelo processo de ensino aprendizagem, estabelecendo assim, uma proposta didática, estabelecida pela instalação geográfica.

Para que a instalação geográfica tenha êxito diante do processo de ensino aprendizagem, é necessária a pesquisa a qual falaremos dela mais adiante, e a didática, a arte de ensinar ou a técnica estabelecida, no processo de ensino aprendizagem, requer anteriormente dos conceitos que integram esse contexto, no nosso caso a polifonia escolar, a criatividade, o conteúdo geográfico esse já mencionado, e a educação, como processo de libertação.

Entendendo a Didática como parte das ciências pedagógicas, que trata especificamente do ensino, ou seja, das condições que devem ser criadas para que se dê a aquisição do conhecimento, entendo também que sua questão fundamental é a questão metodológica. Trata-se de criar os meios através dos quais a ciência, o saber sistematizado, traduz-se o conteúdo de ensino, isto é, em conteúdo didaticamente assimilável. Caminho, assim, na mesma direção de Saviani, que diz ser a questão central da pedagogia “o problema das

formas, dos processos, dos métodos, não certamente em si, pois as formas só fazem sentido na medida em que viabilizarem o domínio de determinados conteúdos”. A pedagogia escolar, no seu entender, está ligada ao saber sistematizado, o saber metódico, e cabe à escola organizar as formas e os processos adequados para possibilitar às novas gerações o acesso ao saber sistematizado (BOULOS,1991:96).

O saber sistematizado, assim como, a relação pedagógica, é uma relação entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende mediada pelo conhecimento, o conhecimento já produzido é o ponto de partida para que nova aquisição de conhecimento no processo de ensino aprendizagem torne para o sujeito condição para organizar, sistematizar, e produzir novos conhecimentos, junto ao saber crítico, idealizando sua concepção de mundo.

Portanto, ainda na concepção didática deve-se levar em conta o estado da pesquisa, a necessidade de abrir espaço para a pesquisa teórica para a aproximação da ciência e de produção do conhecimento. Sobre a didática e o conhecimento, Antolí propõe:

Uma proposta epistemológica para a didática deverá trazer dados relativos aos problemas do conhecimento científico nos três contextos típicos (de descobrimento, de justificação e tecnológico ou de aplicação) por meio de uma reflexão baseada na teoria até que esteja boa para aplicação na prática, já que uma coisa é o acúmulo de fatores sociais, políticos, psicológicos e culturais que podem induzir um profissional a preferir certo modo de conceituar uma disciplina em relação a outras possibilidades ou tendências, e outra, a verificação ou o apoio lógico ou empírico que suas afirmações possam ter (ANTOLÍ, 1998:93).

A reflexão abordada nos remete sobre as possibilidades de estabelecer novas formas de pensar e indagar sobre a didática, que junto a ela traz novas perspectivas de propostas de pesquisa, para conceituar a didática desde sua concepção prática até o sociocrítico.

Para a nossa prática, temos a disciplina de ensino supervisionado aplicado no VI semestre com os alunos da graduação da Universidade Regional do Cariri-URCA, como exemplo da possibilidade de pensar uma nova proposta didática.

Problematizando o aspecto do estágio supervisionado sobre o que os alunos conhecem da escola, essa de ensino básico, comum e única, aprofundando o conhecimento sobre a mesma, iniciamos o processo de ensino.

No início do semestre pedimos aos alunos da graduação, que estão em formação, ou seja, cumprindo o estágio supervisionado que realizem uma observação primeira, ao redor da escola, façam uma varredura da paisagem do local onde a escola esta inserida, apliquem um questionário com perguntas sobre o que eles pensão da escola, da educação, do ensino, ao coordenador e diretor, aos alunos, aos professores, aos funcionários, realizem uma entrevista com os vizinhos da escola por eles escolhida. Além disso, ou seja, desse material escrito, também é necessário o registro fotográfico para o estágio.

De posse desse material, aluno e professor na universidade debatem e colocam as dúvidas dos estagiários a respeito da escola, do seu projeto político pedagógico, a não participação da escola em conselho de classe e série, as demandas das políticas públicas do estado do Ceará, e o currículo abordado pelo professor da escola que o acompanha como estagiário, entre outras demandas.

Em alguns momentos na sala de aula na universidade é possível descobrir que os alunos não conhecem a escola profundamente, que pode ser o plano político

pedagógico, o currículo que trará os conteúdos geográficos, assim, como as suas entranhas, os depósitos, o prédio em si, esses exemplos; colocamos como a dimensão do espaço escolar ainda não explorada pelos alunos.

Ainda, em estudo na disciplina de estágio, os alunos em fase de regência na escola, em que os alunos devem conhecer a escola e o sentido desta, esse por nós apresentado sobre a libertação da consciência em si, para em si, como exercício didático, apresentamos aos alunos uma questão: como capturar a escola?

Como materializar o nosso conteúdo, o nosso conceito, a escola, aqui a escola, aquela que está para os alunos em si, passar a vê-la, olhá-la e repará-la, observando a paisagem, o processo histórico, na construção da escola para si, levando a consciência no processo de abstração ao concreto, no movimento dialético de apreensão do conhecimento.

Para essa abstração, aqui tomamos como exemplo o conceito no sentido da palavra essa a “escola” no movimento cultural, econômico, social e político, depois de expor aos alunos, nos indagamos de que forma vamos materializar esse conhecimento pesquisado sobre a escola e o seu papel na sociedade? Entendê-la, no plano material abstrato/concreto, realizando o movimento da práxis.

Quando as ideias são postas em sala, essa só depois de realizada a pesquisa pelos alunos, o que chamamos de (teia de ideias) professor e alunos pensando em como capturar a escola, essa fase se dá em muitos períodos das aulas, é o suspiro, é quando o ato criativo pretende se manifestar.

É quando o conhecimento levantado pelos alunos a respeito das dimensões da escola, política, cultura, econômica e social, são postas ao pensar dos alunos, levando-os ao conhecimento mais aprofundado sobre essas questões, compreendendo as relações de produção inseridas pelo capitalismo, tendo como sujeito dessas prática social o homem.

Porém, para essa prática, essa didática a qual nos propomos a realizar para que os alunos aprofundassem o conhecimento a respeito da escola e o seu papel na sociedade, pensando no que e em que, como fazer a materialização em uma instalação, para o nosso conteúdo, novamente elucidando a “escola” em si e para si, professor e alunos chegam a um “*frasco de saleiro transparente*“, onde os alunos pudessem guardar e entender além das questões políticas, sociais, culturais e econômicas.

Registrasse também, a materialidade posta no seu espaço e nas suas relações sociais, como os; odores, o gosto, os gestos, os sentidos mais apurados, as faces, os objetos e sujeitos, o subsolo, a burocracia, o professor (a), o diretor e funcionários, a camisinha, a sala de aula, a janela, o giz, a merenda, a telha, a grama, o vaso sanitário, a falta de água e energia elétrica, o papel higiênico limpo ou sujo, a fome, a borracha, o lápis, a lousa, o livro didático e às vezes só ele, a tinta da parede, o caibro do telhado, a mãe que vai reclamar ao diretor, o recreio, as crianças correndo, os jovens conversando, a violência, a porta, o portão, a saída, o supervisor da diretoria de ensino, as histórias das pessoas, a preguiça junto ao feriado emendado, como também a gana de fazer algo valioso, o uniforme, as disciplinas guardadas no armário, o copo sujo, o de plástico para se tomar água quando se tem, e o cheiro das pessoas, as vidas e etc.

Estes são apenas alguns signos e símbolos da escola, o ato de pensar a escola para si, tem como exercício para os alunos a construção do conhecimento mediado pela criatividade.

Uma manifestação teórico-criativa, um conteúdo em exercício, uma avaliação em movimento, uma instalação sendo preparada pelos alunos é aplicada na universidade na forma e conteúdo abordados para a compreensão da dimensão cultural, espacial e política da escola, o seu fazer pedagógico.

Depois de um longo debate em que a sala de aula em muitas vezes vira poesia, vira texto, imagem, colagem, vira uma polifonia escolar é exposto no corredor da universidade, levando a ‘escola’ a outros olhares.

A OBRA

“Como fruto colhido chegou a tua hora, morde-te e te engole por completo, não te encolhas como uma berruga o assombro é a melhor das companhias”

Emerson Ribeiro.



Foto-3. Olhares atentos, no corredor da URCA
Fonte: Ribeiro, Emerson. 1º S/2011



Foto-4. A escola em exposição, na universidade.
Fonte: Ribeiro, Emerson. 1º S/2011.

A formação de professores não é tarefa simples por parte daqueles que os formam, muitas práticas e sugestões de estratégias de aula, de comportamento, de teoria e de pesquisa e, nessa prática como um dos crivos importantes é a criatividade e o cotidiano, os afazeres da vida, aquele que dá sustentação ao conteúdo estudado no nosso caso em questão a “escola”, materializando numa instalação geográfica é, mais uma metodologia de aplicação e um processo de avaliação para o ensino básico, como para a universidade.

Para um mundo que se apresenta em constante mudança, complexo e plural o cotidiano é uma leitura do possível, é nele que os grandes artistas tiraram as suas inspirações, Newton, Einstein, Goethe e, é neste mundo que a Geografia enquanto disciplina faz as suas leituras do espaço e da sociedade nas relações de produção. Portanto, é compreendendo a ciência geográfica, mas também, tendo na sua formação a aspiração para o novo, para a criação, que o professor de geografia formará seus alunos para o inesperado, levando-o ao exercício da descoberta (RIBEIRO, 2011:67).

A criação de uma aula, de um plano de aula passa pela invenção, criar é inventar, o objetivo da aula versa em apresentar algo novo, diferente, o ato de ensinar tem que causar no outro o assombro, o susto, é quando o aluno aprende, é quando se dá um choque de realidade, é quando a memória estremece, não esquece.

Quando há o assombro é porque houve a possibilidade de aprendizado, é no desequilíbrio que a criação aprende. Portanto, devido a essas interações do conhecimento entre assimilação e a acomodação, a aprendizagem e a equilibração constituem esse processo funcional de conjunto que podemos chamar de aprendizagem e que tende a se confundir com o desenvolvimento Piaget (1984).

Para essa prática pedagógica em que a escola estudada, no âmbito, social, cultural, econômica e política, em que os alunos dissecaram-na materializando numa instalação, diante do processo de ensino e aprendizagem a avaliação, foi constatada.

A avaliação é o ponto alto da aprendizagem, buscada pela pesquisa, pelos trabalhos bibliográficos, por textos, junto às discussões em sala e ao observar o cotidiano, elevando o conteúdo do abstrato ao concreto e este num movimento dialético, fez com que os alunos percebessem que a materialização desse conteúdo (a escola para si), ancorada numa instalação geográfica, sustentou o processo de ensino-aprendizagem.

Na versão de uma das alunas do VI semestre Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa:

A polifonia escolar consiste em uma metodologia de ensino diferenciada, na qual a avaliação será pautada a partir da materialização de determinado assunto debatido e pensado em sala, sobre um objeto que represente essas discussões. A utilização desse método permite que o aluno pense e reflita sobre questões que muitas vezes estão explícitas em seu cotidiano, porém ainda não havia conseguido perceber pela a falta de análise e reflexão. O mais interessante desse processo é que a criatividade passa a ser um elemento crucial no momento da escolha do objeto representado.

Partindo desse prisma, procurei capturar a escola partindo das discussões feitas em sala, além da procura de elementos apreendidos na escola ao qual eu me propus a estagiar. Diante de tudo isso, foi que escolhi uma cruz para representar de forma materializada tudo aquilo que estava me incomodando na prática do estágio. A cruz, nesse sentido entendida como referência a morte, procura expressar a ideia de que a escola e, sobretudo as práticas pedagógicas, estão mortas, pelo fato de não procurarem inovar, reproduzindo assim um ensino que não condiz com a dinâmica social, se apresentando de forma estática. Diante disso, o comum e o previsível passam a ser a força motriz que impulsiona o ensino. Com isso, fica clara a necessidade de repensar a prática de ensino constantemente.

Ao concluir todo o processo de reflexão, execução e análise da atividade, pude perceber que todo esse processo se mostrou necessário pelo simples fato de que veio a ser uma funcionalidade e uma praticidade nas discussões feitas em sala e fora dela, permitindo assim que o processo de ensino-aprendizagem pudesse ser eficiente e ficasse gravado na memória.

A aluna em questão aborda a importância da prática pedagógica, assim como a avaliação, a pesquisa e o ato criativo, e deixa clara a importância da materialização do conteúdo debatido e pensado em sala de aula, para que o processo de ensino aprendizagem, nas palavras da aluna “pudesse se eficiente e ficasse gravado na memória”. Ressalto a importância que essa didática nos fornece quanto ao ato pedagógico, que resulta na materialização do conteúdo abordado pelo professor.

Esse movimento de aprendizado que a aluna reflete no seu texto é apenas um exemplo das possibilidades que temos para criar estratégias de ensino e novas metodologias que acompanham o processo de avaliação que levem os alunos a perceberem a necessidade que a escola, como instituição, precisa se renovar, mas antes, precisamos-nos (os formadores) buscar outras práticas possíveis para atender esse mundo novo que se refaz a todo o momento, com novas técnicas, mas, sobretudo diante de uma nova sociedade que se apresenta na sua diversidade.

O REMATE

“Relações por contrastes é uma forma alta de pensamento criativo: sobre o grande e pesado sino de bronze, pousou uma borboleta” *Borges*.

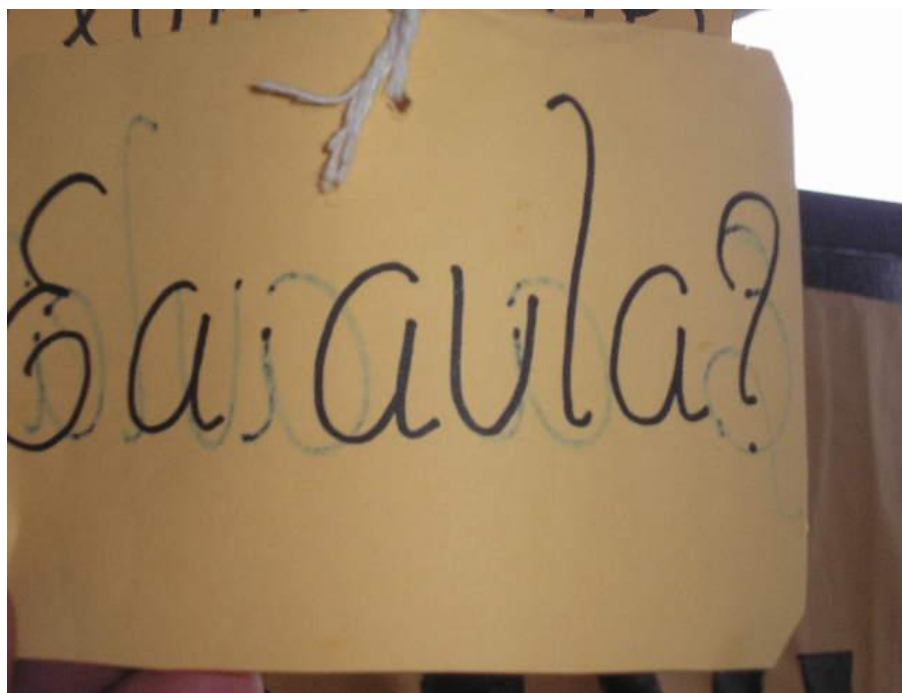


Foto-5. Há aula?

Fonte: Ribeiro, Emerson. 1º S/2011

E a aula? Haverá aula hoje professor? Por que a pergunta? A fala e o pensamento, mais as expressões faciais nas conversas com os gestos diz, o corpo fala!

Com Soares na sua abordagem poética, praticante professora de se fazer alunos assombrados com sua fala, nos remete aqui a sua versão sobre a aula:

Na aula, significados únicos obscurecem a capacidade transformadora da ciência e da descoberta; os temários são previsíveis, assimiláveis, repetitivos, tediosos, reduzidos; a reprodução substitui a relação criativa e suprime os estímulos não-verbais; a hora/aula é uma ação murcha, semântica de angústia, um falar/ouvir encadeados, asséptica geometrizável. Com exceções, a aula fica congelada em programas, currículos e livros didáticos. Universo recluso; aljube (SOARES, 2001:37).

Mas, se a sala de aula encontrar outro aporte, transformar buscando novos rumos e trajetórias baseada na criatividade, quem sabe vire uma poesia ou uma instalação, quem sabe vire essa polifonia, essas múltiplas vozes que percorrem o cotidiano, diagnosticando o estado da arte na geografia.

Esse recorte foi um dos nossos objetivos com os alunos do VI semestre da Universidade Regional do Cariri, levá-los a compreender as possibilidades existentes na/da aula, na/da escola, enfocando no movimento para si, de consciência histórica, de esvaziamento, mesmo que seja ele temporário da alienação, que carregue nos olhos o ato de ver, olhar e reparar, reparar para poder compreender a produção do espaço, em especial o espaço social da escola.

Em termos de colagem fica-nos agora um fragmento:

O TIMONEIRO

“Não sou o timoneiro?” – exclamei. “Você?” – disse um homem alto e escuro e esfregou as mãos nos olhos como se espantasse um sonho.

Eu estive ao leme na noite escura, a lanterna ardendo fraca sobre minha cabeça e agora vinha esse homem e queria me pôr de lado. E

já que eu não me afastava, ele calcou o pé no meu peito e me empurrou para baixo devagar enquanto eu continuava agarrado aos raios do leme e na queda o tirava completamente do lugar. Mas o homem o pegou, colocou-o em ordem e me empurrou dali com um tranco. Eu, porém me recompus logo, corri até a escotilha que dava para o alojamento da tripulação e gritei: “Tripulantes! Camaradas!

Venham logo! Um estranho me expulsou do leme!” Eles vieram lentamente, subindo pela escada do navio, figuras possantes que cambaleavam de cansaço. “Não sou o timoneiro?” – perguntei. Eles

assentiram com a cabeça, mas seus olhares só se dirigiam ao estranho; ficaram em semicírculo ao redor dele e, quando ele disse em voz de comando: “Não me atrapalhem”, eles se juntaram, acenaram para mim com a cabeça e voltaram a descer pela escada do navio. Que tipo de gente é essa? Será que realmente pensam ou só se arrastam sem saber para onde sobre a terra?

Franz Kafka

BIBLIOGRAFIA

ANTOLÍ, Vicenç B. **A didática como espaço e área de conhecimento:** fundamentação teórica da pesquisa didática. In: FAZENDA, Ivani C. A. Didática e Interdisciplinaridade. Campinas: Papyrus, 1998.

BOSCOLO, Dulcinéia. **Projetos de Estudo do Meio em Escolas Públicas em Santana de Parnaíba – SP. 2007.** Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2007.

BOULOS, Yara. Didática geral ou especial? Uma contribuição ao debate. In: STELA, C. Bertholo Piconez.(coord) **A Prática do Ensino e o Estágio Supervisionado:** a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. São Paulo, Papyrus, 1991. pg.96.

- COUTO, Marcos A. C. **A visibilidade do invisível: conceitos e organização do ensino de geografia** In.: Revista Tamoios. Ano II, nº. 22, p. 1 – 29. São Gonçalo: UERJ/ FFP, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Tradução por Alberto Escudero. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- _____ **A revolução urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.
- MARX, Karl. **Miseria de la filosofia**, Ed. Actualidad, Buenos Aires.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 22. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1988.
- RIBEIRO, Emerson. A criatividade em Geografia, prática pedagógica e avaliação: lanternas geográficas. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 61-75, ago./ dez. 2011.
- _____ Avaliação ou pescaria? - por uma distinta possibilidade da aprendizagem em geografia na construção de instalações geográficas. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 91-104, jul./dez., 2011.
- _____ **Práticas pedagógicas- o ensino geográfico por instalações**. IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 3 a 5 de novembro de 2009. Acesso <http://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais>.
- SOARES, Maria L. de A. **Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico**. Sorocaba-sp. Linc. 2001.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.